

SANIDADE DOS REBANHOS E SEGURANÇA DOS ALIMENTOS: EM BUSCA DE UM MODELO DE CONTROLE¹

Pedro Eduardo de Felício²

Os debates iniciados neste ano pelo Departamento de Agronegócio, da Federação das Indústrias de São Paulo (DEAGRO/FIESP), sobre modelos estrangeiros de controle da sanidade animal e de segurança dos alimentos constituem um sinal de que, embora com atraso, alguma coisa importante está sendo feita para colocar o país em sintonia com as necessidades atuais.

Desde o final da década de 90, vários países têm reestruturado seus sistemas de sanidade e inocuidade dos alimentos, incluindo ou não os produtos de origem vegetal e os medicamentos veterinários. Já houve troca de nome com alteração da abrangência de um ministério: o MAFF, ministério britânico de agricultura, pesca e alimentos, combatido após tantos equívocos cometidos na crise de EEB (doença da vaca louca) foi extinto, em 2001, sob críticas à maneira como lidou com o surto de aftosa daquele ano. Em seu lugar foi criado o DEFRA, que reúne assuntos rurais, ambientais e de alimentos sob a mesma direção.

E houve, também, a criação de agências como a canadense CFIA (Canadian Food Inspection Agency) e a francesa AFSSA (L'Agence Française de Sécurité des Aliments). Em 1997, após o primeiro caso de EEB, descobriu-se que o sistema de defesa sanitária do Canadá era vulnerável e, então, a agência foi criada para exercer o controle da sanidade, tanto do ponto de vista científico como de fiscalização.

A CFIA cobra taxas para registrar estabelecimentos e produtos, e para prestar serviços de inspeção, gerando uma receita própria que pode ser empregada em situações emergenciais, o que é uma vantagem em relação aos órgãos da administração direta do estado. O problema é que, mesmo tendo organizado muito bem o sistema sanitário, há quem diga que a CFIA não conseguiu evitar outros 12 casos de EEB nos últimos cinco anos, contudo não parece justo considerar isoladamente este dado como indicador de eficácia de um órgão de defesa sanitária; seria preciso analisar todas as ações e a competência para gerir crises.

A AFSSA, criada em 1999, tem estrutura e *modus operandi* diferentes da CFIA. Ela é uma organização científica pública e independente, que coloca seus 12 laboratórios e um quadro de mais de 1000 cientistas e funcionários a serviço do governo da França, das organizações representativas da sociedade e da Autoridade Européia para

¹ Artigo publicado na Revista ABCZ n.45, jul/ago, 2008, p.56.

² Médico Veterinário, Professor titular da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA-UNICAMP).

Segurança dos Alimentos (EFSA). A agência, que presta contas aos ministérios de Saúde, Agricultura, e Consumidor, não tem caráter fiscalizador, mas faz o monitoramento epidemiológico das criações via redes de profissionais autônomos e dos serviços veterinários oficiais.

Na tradicional École Nationale Vétérinaire d'Alfort, em Paris, funcionam dois laboratórios da AFSSA, o LERPAZ, de Patologia Animal (epizootias como brucelose, aftosa, bluetongue, Aujeszky, Newcastle) e Zoonoses (doenças transmissíveis ao homem, de origem alimentar como botulismo, encefalopatias espongiformes, febre Q, cisticercose; ou não, como carbúnculo, influenza aviária, raiva, tuberculose); responsável pelo desenvolvimento da vacina de Bluetongue (doença da língua azul dos ruminantes, com 20 mil focos na França e 57 mil na UE, em 2007) que já está sendo aplicada, e pela prontidão em relação a doenças infecciosas e parasitárias. E o LERQAP, de Qualidade de Alimentos e Processos, que trabalha com bacteriologia, virologia, toxinas, poluentes e pesticidas em alimentos.

O Brasil que, no início deste ano, sentiu o peso da mão forte da União Européia exigindo aprovação prévia de fazendas para exportar carne bovina. Que, nos últimos dois anos, teve bloqueadas as exportações de três estados, devido a focos de aftosa em dois deles. Que tem suas entidades do setor avícola trabalhando com afinco para consolidar o *“Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária e de Controle e Prevenção da Doença de Newcastle”*, deveria considerar seriamente a criação de uma agência científica no modelo francês, por uma questão de menores custos e mínima resistência á implantação.

Vários laboratórios existentes em universidades e institutos de pesquisa nacionais, cuja adequação poderia ser financiada com verbas dos fundos setoriais administrados pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, seriam aproveitados na nova estrutura, sem perda de vínculo com as instituições a que estão subordinados atualmente.

ERROR: syntaxerror
OFFENDING COMMAND: --nostringval--

STACK:

/Title
(
/Subject
(D:20080821125530)
/ModDate
(
/Keywords
(PDFCreator Version 0.8.0)
/Creator
(D:20080821125530)
/CreationDate
(marla)
/Author
-mark-